

CIRURGIA ORTOGNÁTICA: COMPLICAÇÕES TARDIAS E DESAFIOS PÓS-OPERATÓRIOS

Autores: Ana Paula Machado de Almeida Araujo, Fábio da Silva Matuda, Marília Lopes.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima
Hifumi 2911, Urbanova – 12244-000 – São José dos Campos-SP, Brasil,
anapaulamaaraujo@gmail.com, fabiomatuda@univap.br, mariliaorto@gmail.com

Resumo

A cirurgia ortognática é um procedimento corretivo utilizado para tratar discrepâncias esqueléticas maxilofaciais. Apesar dos benefícios funcionais e estéticos, o pós-operatório pode ser marcado por complicações tardias como parestesia, infecção, recidiva e alterações funcionais. Este trabalho, teórico e de revisão bibliográfica, tem como objetivo descrever e analisar os principais desafios enfrentados após o procedimento cirúrgico ortognático. Foi realizada uma ampla revisão em artigos publicados em idiomas do português e inglês entre 2000 a 2024, e em bases científicas como Google acadêmico, PubMed, Scielo e Web Of Science, usando-se ao total 9 artigos para essa composição. Os dados sugerem que a taxa de complicações pós-cirúrgicas variam conforme o perfil sistêmico do paciente e acompanhamento multidisciplinar, chamando uma atenção a mais para a necessidade de melhores protocolos de reabilitação.

Palavras-chave: Cirurgia ortognática. Complicações tardias. Pós-operatório. Parestesia.

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde - Odontologia

Introdução

A saúde oral e facial desempenha papel central no bem-estar físico, emocional e social dos indivíduos, influenciando aspectos como autoestima, interação social e percepção da própria imagem corporal. Essa questão ganha ainda mais relevância diante das deformidades dentofaciais, que podem impactar negativamente a qualidade de vida dos indivíduos afetados (HEINZMANN et al., 2020).

A cirurgia ortognática é amplamente empregada para a correção de deformidades dentofaciais, com impactos estéticos e funcionais significativos na mastigação, respiração e fonética (HEINZMANN et al., 2020). Estudos demonstram que essa intervenção promove melhoria na qualidade de vida dos pacientes, especialmente pelo restabelecimento da estética facial e da função estomatognática (HEINZMANN et al., 2020).

Entretanto, apesar dos benefícios evidentes, a cirurgia ortognática, devido a vários fatores relacionados à sua complexidade, pode resultar em complicações tardias, como alterações sensoriais, incluindo parestesia do nervo alveolar inferior, instabilidade esquelética e morbidades infecciosas (FRISCIA et al., 2017; SPAEY et al., 2005). Essas adversidades podem comprometer tanto os resultados estéticos quanto funcionais, o que se exige um acompanhamento pós-operatório mais cuidadoso.

A cirurgia ortognática representa o tratamento indicado para correções ósseas mais severas, possibilitando a restauração da harmonia facial e a melhora das funções de mastigação, respiratória e fonética. (FRISCIA et al., 2017)

Ao se tratar de correções dentofaciais, maneiras e abordagens têm sido empregadas de diferentes formas para tratar as deformidades, visando melhorar tanto a função quanto a estética da face. Entre elas, a ortodontia corretiva é amplamente utilizada para alinhar os dentes e preparar os pacientes para intervenções cirúrgicas mais complexas, quando necessárias (HEINZMANN et al., 2020).

Com isso, destaca-se a importância do acompanhamento multidisciplinar, envolvendo cirurgião-dentista, ortodontista, fonoaudiólogo e psicólogo, o que contribui para um sucesso geral do tratamento

e para a reabilitação física e emocional do paciente (SPAHEY et al., 2005), fora, também, um acompanhamento cuidadoso após a cirurgia para tratar e detectar precocemente qualquer problema..

Assim, de maneira complementar, o apoio psicológico e a terapia fonoaudiológica têm papel fundamental na recuperação da autoestima e da funcionalidade, especialmente no pós-operatório (ALMORAIS et al., 2020)

Este trabalho tem como objetivo analisar as principais complicações tardias da cirurgia ortognática e os desafios enfrentados no pós-operatório, com foco em fatores de risco, prevenção, diagnóstico precoce e tratamento clínico. A principal questão é: quais fatores contribuem para o desenvolvimento e a gravidade dessas complicações tardias em pacientes submetidos à cirurgia ortognática, e de que forma podem ser minimizados?

Esse tema foi escolhido porque, além de ser uma área em crescimento, é de grande interesse compreender os detalhes do acompanhamento pós-operatório, já que ele é fundamental, e a parte mais importante para o sucesso do tratamento e bem-estar dos pacientes.

Metodologia

Com o objetivo de desenvolver esse trabalho, feito por meio de uma revisão bibliográfica sobre as complicações tardias e os desafios no pós-operatório da cirurgia ortognática, a pesquisa foi realizada nas bases de dados PubMed, Google Acadêmico, SciELO e *Web of Science*, considerando artigos publicados entre 2000 e 2024.

Foram usadas palavras-chave relacionadas ao tema, como "cirurgia ortognática", "complicações tardias" e "pós-operatório". Selecionou-se artigos que abordassem as complicações que surgem depois da cirurgia, descartando aqueles que falavam apenas de complicações imediatas ou que não estavam completos.

Esse estudo teve como objetivo principal relatar as complicações tardias e desafios pós operatórios, onde enfatizam-se os tipos de complicações, com a intenção de oferecer uma visão abrangente e estruturada das evidências disponíveis, permitindo compreender divergências de abordagem e recomendações clínicas mais consistentes.

Resultados

O A análise dos estudos levantados revelou que, embora a cirurgia ortognática proporcione resultados estéticos e funcionais relevantes, o desenvolvimento de complicações tardias permanece uma preocupação significativa para cirurgiões e pacientes. Entre as complicações mais recorrentes, destacam-se as alterações neurosensoriais, a instabilidade esquelética e as infecções pós-operatórias.

A parestesia do nervo alveolar inferior surgiu como a complicação mais frequentemente relatada, com taxas que variam de 14% a 85% dos casos, dependendo do tipo de técnica utilizada e do tempo de acompanhamento pós-cirúrgico (FRISCH et al., 2017). Embora parte dessas alterações sensoriais possa regredir ao longo dos meses, uma parcela dos pacientes mantém algum grau de perda sensitiva permanente, o que impacta diretamente sua qualidade de vida (HEINZMANN et al., 2020).

Um dos estudos mais abrangentes sobre o tema, conduzido por Ferri et al. (2019), avaliou 5025 casos ao longo de 25 anos, identificando 73 complicações relevantes, o que corresponde a uma taxa de 1,45%. Apesar da baixa incidência, o impacto clínico de tais intercorrências não deve ser subestimado. Entre os problemas descritos, destacam-se infecções nos sítios de osteotomia, complicações hemorrágicas como epistaxes e formação de pseudoaneurismas, além de pseudartroses e fraturas da base do crânio. Complicações oftálmicas, incluindo lesões do nervo óptico e do sistema lacrimal, foram igualmente documentadas, embora de forma rara. Esses achados evidenciam que, ainda que incomuns, complicações severas podem comprometer funções vitais, demandar intervenções adicionais e até mesmo deixar sequelas permanentes.

De modo complementar, Wolford (2019) oferece uma perspectiva ampla sobre complicações que extrapolam o ato cirúrgico em si, abordando aspectos relacionados ao período pós-operatório e à integração com o tratamento ortodôntico. Destaca-se que instabilidade esquelética, discrepâncias oclusais residuais e retardo na consolidação óssea representam complicações relativamente comuns,

que podem comprometer os resultados funcionais e estéticos a longo prazo. Além disso, complicações funcionais como dor persistente, edema acentuado, limitação da amplitude de abertura bucal e dificuldades de higiene associadas à fixação intermaxilar devem ser consideradas parte do espectro de intercorrências, exigindo manejo interdisciplinar eficaz.

A instabilidade esquelética também merece destaque, sendo mais comum em casos de movimentações ósseas amplas, especialmente em pacientes com más-oclusões severas ou padrões de crescimento desfavoráveis. Estudos mostram que até 20% dos casos podem apresentar algum grau de recidiva, demandando monitoramento e, em alguns casos, reintervenção (SPAHEY et al., 2005).

As infecções pós-operatórias de ocorrência tardia, embora menos frequentes (3% a 6% dos casos), podem comprometer significativamente os resultados cirúrgicos, prolongar o tempo de recuperação e também exigir a remoção de placas e parafusos (AL-MORAISSEI et al., 2017). Essas complicações geralmente estão associadas a higiene inadequada e condições sistêmicas.

De maneira geral, os dados mostram a importância de um planejamento cirúrgico individualizado, da adoção de técnicas menos invasivas e de um acompanhamento multidisciplinar no pós-operatório, com foco na prevenção e detecção precoce de complicações.

Figura 1 – Radiografia lateral mostrando os ossos da maxila e mandíbula antes (esquerda) e após (direita) a cirurgia ortognática



Fonte: Autor não informado. Radiografia lateral da maxila e mandíbula, antes e depois da cirurgia ortognática. Disponível em: head-neck.com. Acesso em: 25 agosto. 2025.

Discussão

Ao analisar os estudos revisados, fica evidente que a cirurgia ortognática é um tratamento que vai muito além da transformação estética. Para muitos pacientes, ela representa a possibilidade de recuperar funções básicas, como mastigação, respiração e fala, além de melhorar a autoestima e a interação social. No entanto, também ficou claro que esse benefício vem acompanhado de riscos que precisam ser cuidadosamente considerados.

Embora a taxa global de complicações em cirurgia ortognática seja considerada baixa, as repercussões clínicas e funcionais desses eventos são significativas. O estudo de Ferri, D'Agostino, Rodriguez, Viterbo, Velo e Bénézet (2019) confirma a segurança relativa do procedimento, demonstrando incidência de apenas 1,45% de complicações relevantes em uma amostra ampla, onde, entretanto, as intercorrências relatadas, como infecções, pseudartroses, complicações hemorrágicas e lesões oftálmicas apresentam potencial para comprometer a recuperação e, em alguns casos, exigir reintervenções. Isso reforça a necessidade de monitoramento pós-operatório rigoroso e protocolos preventivos bem estabelecidos.

Por outro lado, a perspectiva apresentada por Wolford (2019) amplia a compreensão das complicações ao destacar que muitas delas não decorrem apenas do ato cirúrgico, mas também do manejo ortodôntico subsequente. Problemas como recidivas, discrepâncias oclusais e disfunções temporomandibulares revelam que falhas na integração entre o planejamento cirúrgico e ortodôntico

podem gerar impactos duradouros na qualidade de vida dos pacientes. Essa análise sugere que o sucesso do tratamento ortognático não depende unicamente da técnica cirúrgica, mas também da coordenação interdisciplinar ao longo de todo o processo terapêutico.

Dentre as complicações mais comuns relatadas, a parestesia é a mais evidente, aquela dormência ou alteração de sensibilidade que acontece principalmente na região do nervo alveolar inferior. Em muitos pacientes, essa sensação diminui ou desaparece com o tempo, mas em alguns casos pode ser permanente. Casos assim mostram como cada organismo responde de forma única, reforçando a importância de técnicas cuidadosas e de um acompanhamento próximo (LANA; NASCIMENTO; GOMES, 2024).

Outro ponto que chama atenção é a recidiva, quando os ossos acabam voltando, mesmo que em parte, para a posição original. Esse risco é maior quando os movimentos cirúrgicos são muito grandes ou em situações de retrusão mandibular, que afeta cerca de 9% dos pacientes (LEE et al., 2022). Para o paciente, isso pode ser frustrante, já que toda a expectativa do tratamento pode ser abalada. É por isso que o acompanhamento a longo prazo é tão essencial.

As infecções pós-operatórias também aparecem como um desafio, mesmo que menos frequentes. Elas podem atrapalhar tanto a parte estética quanto a funcional e, em alguns casos, exigem até a retirada de placas e parafusos usados na cirurgia (BELL; SCHENDEL, 2007; SEO; PARK, 2020). A colaboração do paciente torna-se crucial, além de seguir as orientações de higiene e comparecer às consultas de retorno, o que faz toda a diferença no resultado final.

De forma geral, o que os estudos mostram é que a cirurgia ortognática não deve ser encarada como apenas “um ato cirúrgico”, mas sim como um processo de cuidado. Profissionais de diferentes áreas, como os já citados anteriormente no artigo, podem contribuir para que o paciente não receba apenas uma mudança física, mas também recupere qualidade de vida e confiança em si mesmo.

Conclusão

A cirurgia ortognática representa um recurso de alta qualidade e de benefícios funcionais e estéticos indiscutíveis. No entanto, como evidenciado pela literatura, os problemas pós-operatórios permanecem como um desafio clínico, ainda que pouco frequentes. Conclui-se que as complicações pós-operatórias são muito mais determinadas por problemas sistêmicos do que a cirurgia ortognática em si.

Referências

AL-MORAISSE E. A., ZAWAWI, K. H., AL-RAHMA, H. M., & AL-QATARI, T. . Complications of orthognathic surgery: a systematic review. **International Journal of Oral and Maxillofacial Surgery**, v. 46, n. 1, p. 113–125, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0901502716305071>. Acesso em: 24 ago. 2025, 11h03.

ALVES, L. P., SOUZA, R. L., MOURA, M. A., & PEREIRA, G. R. Impacto da cirurgia ortognática na qualidade de vida de pacientes com deformidades dentofaciais. **Revista Brasileira de Cirurgia Bucomaxilofacial**, v. 20, n. 1, p. 55-61, 2020. Disponível em: <https://revistaabc.com.br/artigo/alves2020>. Acesso em: 24 ago. 2025, 11h30.

BELL, W. H.; SCHENDEL, S. A. Complications of orthognathic surgery. **Oral and Maxillofacial Surgery Clinics of North America**, v. 19, n. 1, p. 77–91, 2007. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/journal/oral-and-maxillofacial-surgery-clinics-of-north-america>. Acesso em: 24 ago. 2025, 11h40.

FERRI, J.; D'AGOSTINO, A.; RODRIGUEZ, J.; VITERBO, S.; VELO, S.; BÉNÉZET, J. Complications in orthognathic surgery: A retrospective study of 5025 cases. **Journal of Stomatology, Oral and**

Maxillofacial Surgery, v. 120, n. 1, p. 5-8, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ortho.2019.08.016>. Acesso em 10 set. 2025, 15h:42.

FRISCIA, CAROLINA SBORDONI, MARZIA PETROCELLI, LUIGI ANGELO VAIRA. Neurosensory alterations after orthognathic surgery: a systematic review. **International Journal of Oral and Maxillofacial Surgery**, v. 46, n. 6, p. 774–782, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0901502717300246>. Acesso em: 24 ago. 2025, 11h31.

HEINZMANN, F. HOLZLE, M. GELLRICH, M. SCHRAMM. Orthognathic surgery in the era of digital planning: a systematic review. **Journal of Cranio-Maxillofacial Surgery**, v. 48, n. 6, p. 491–500, 2020. Disponível em: <https://www.journals.elsevier.com/journal-of-cranio-maxillofacial-surgery>. Acesso em: 24 ago. 2025, 12h:22.

LEE, J. H.; KIM, J. H.; KIM, S. H.; SEO, J. K. . Condylar resorption and skeletal relapse after mandibular setback surgery: a systematic review. **Journal of Craniofacial Surgery**, v. 33, n. 5, p. 1347–1353, 2022. Disponível em: <https://journals.lww.com/jcraniofacialsurgery>. Acesso em: 24 ago. 2025, 11h33.

SPAHEY, A.; DE MOL, M.; DE SCHRUYVER, A.; DE VREEDE, J.. Complications of orthognathic surgery: a retrospective study of 427 cases. **International Journal of Oral and Maxillofacial Surgery**, v. 34, n. 6, p. 594–598, 2005. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0901502705001544>. Acesso em: 24 ago. 2025, 10h:09.

WOLFORD, L. M. Comprehensive post orthognathic surgery orthodontics: Complications, misconceptions, and management. **Oral and Maxillofacial Surgery Clinics of North America**, v. 32, n. 1, p. 1-16, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.coms.2019.09.003>. Acesso em: 10 set. 2025, 15h:27